

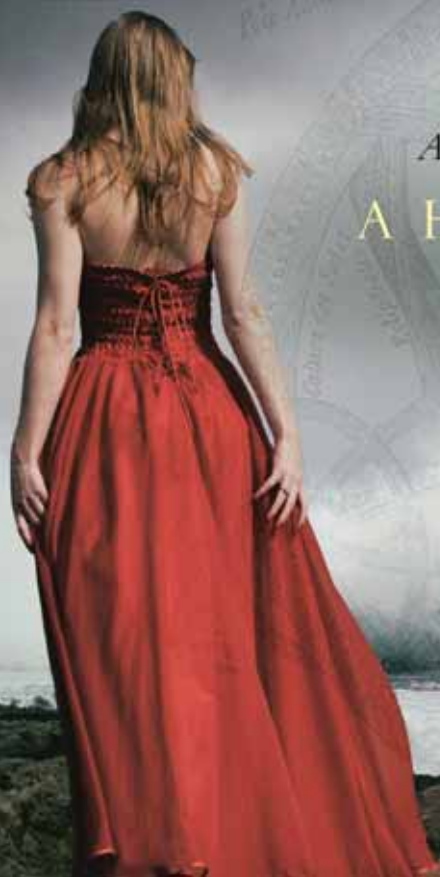
# LUCINDA RILEY

*Mais de 5 milhões de livros vendidos*

## A IRMÃ DA TEMPESTADE

*As Sete Irmãs* ♡ Livro II

A HISTÓRIA DE ALLY



ARQUEIRO

A IRMÃ DA  
TEMPESTADE



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

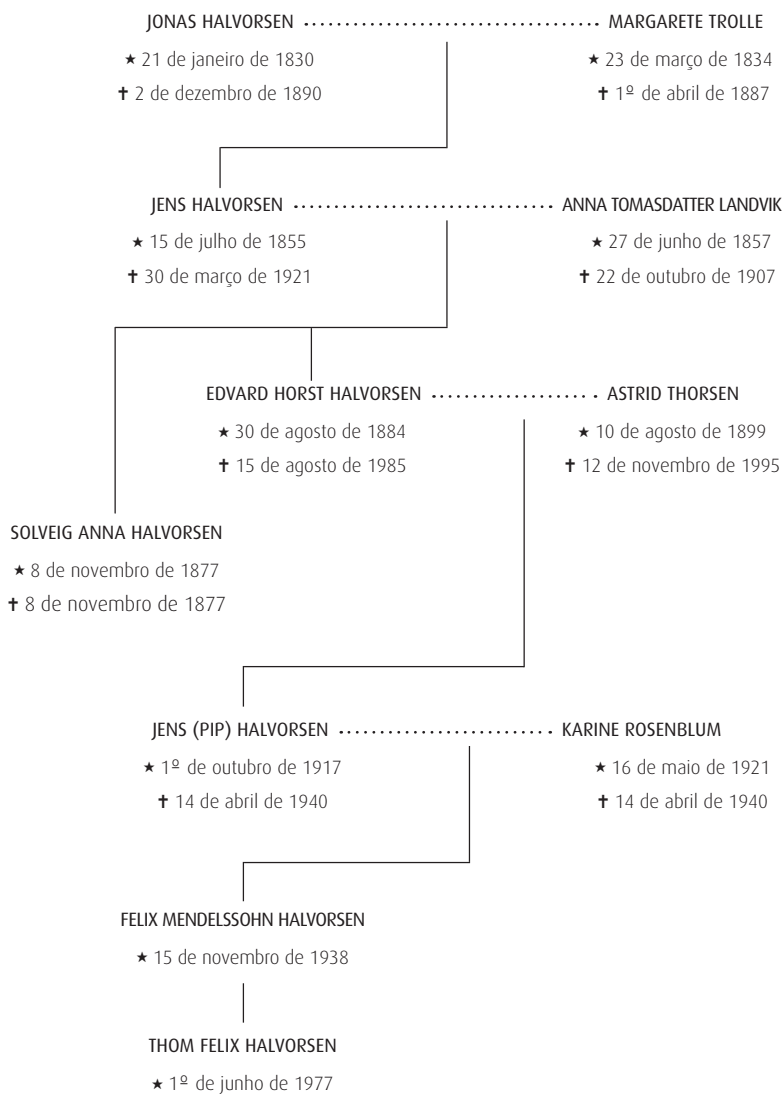
PARA SUSAN MOSS,  
MINHA IRMÃ “DE ALMA”.

*“Todos estamos deitados na sarjeta, só que alguns  
estão olhando para as estrelas.”*

OSCAR WILDE



# Árvore genealógica da família Halvorsen



**A lly**

Junho de 2007

*Mar Egeu*

**S**empre vou lembrar exatamente onde me encontrava e o que estava fazendo quando recebi a notícia de que meu pai havia morrido.

Estava deitada ao sol no convés do *Netuno*, nua, com a mão de Theo pousada sobre minha barriga em um gesto protetor. A curva deserta na praia dourada da ilha à nossa frente cintilava ao sol, aninhada em sua enseada rochosa. A água azul-turquesa, transparente como cristal, fazia preguiçosas tentativas de formar ondas ao bater na areia, que se desfaziam em uma espuma elegante como a de um cappuccino.

*Calmaria*, pensei. *Tanto no mar quanto dentro de mim.*

Tínhamos deitado âncora na pequena baía da minúscula ilha grega de Macheres no pôr do sol do dia anterior, depois havíamos caminhado com dificuldade pela água até a praia, levando dois *coolers*, um repleto dos salmónetes e sardinhas frescas que Theo havia pescado mais cedo, e o outro cheio de vinho e água. Pousei meu *cooler* na areia, ofegante por causa do esforço, e Theo beijou meu nariz com delicadeza.

– Somos dois náufragos em nossa própria ilha deserta – declarou, abrindo bem os braços para abarcar aquele cenário de sonho. – Agora vou procurar lenha para assarmos os peixes.

Fiquei observando Theo me dar as costas e sair caminhando em direção às pedras, que formavam uma meia-lua ao redor da enseada na direção dos arbustos muito secos e espaçados que brotavam nas fendas. Theo era magro, porém seu porte físico não fazia jus à sua força de velejador de alto nível. Em comparação com meus outros companheiros de competições de vela, que eram montanhas de músculos com peitorais de Tarzã, ele chegava a ser diminuto. Uma das primeiras coisas que eu reparara nele era seu andar



um pouco irregular. Então, certa vez, ele me contou que tinha quebrado o tornozelo ao cair de uma árvore quando era pequeno e que a fratura nunca tinha calcificado direito.

– Acho que esse é mais um motivo para o meu destino sempre ter sido viver no mar. Quando estou velejando, ninguém percebe quão ridículo eu sou andando em terra firme – dissera ele, rindo.

Assamos o peixe e, mais tarde, fizemos amor sob as estrelas. A manhã seguinte seria a última que passaríamos juntos no veleiro. Logo antes de concluir que não podia mais adiar a hora de retomar o contato com o mundo exterior e decidir ligar o celular para descobrir que minha vida tinha se estilhaçado em mil pedaços, passei um tempo ali, deitada ao seu lado, perfeitamente em paz. E me pus a recordar, como num sonho surreal, o milagre de nós dois e de como acabáramos indo parar juntos naquele lugar lindo...



Fazia mais ou menos um ano desde que eu tinha visto Theo pela primeira vez, na Regata Heineken, em St. Maarten, no Caribe. A tripulação vencedora estava comemorando no jantar dos campeões, e eu ficara intrigada ao saber que o comandante era Theo Falys-Kings. Theo era famoso no mundo da vela e, nos cinco anos anteriores, havia conduzido mais tripulações à vitória do que qualquer outro capitão.

– Ele não é nem um pouco como eu o imaginava – comentei em voz baixa com Rob Bellamy, um velho companheiro de tripulação com quem eu já tinha velejado na equipe nacional da Suíça. – Parece mais um *nerd* com esses oculinhos de armação grossa – arrematei.

Theo se levantou e foi até outra mesa.

– E ele anda de um jeito bem esquisito.

– Não é mesmo o típico velejador fortão – concordou Rob. – Mas, Al, o cara é um gênio. Tem um sexto sentido quando se trata do mar, e não confiaria em ninguém mais do que nele para ser meu capitão em mares revoltos.

Mais tarde nessa mesma noite, Rob me apresentou rapidamente a Theo, e reparei que seus olhos verdes entremeados de castanho-claro adotaram uma expressão pensativa quando ele apertou minha mão.

– Quer dizer que você é a famosa Al D’Aplièse.

Com seu sotaque britânico, a voz era calorosa e firme.

– A resposta para a última parte da sua pergunta é sim – falei, encabulada com o elogio. – Mas acho que o famoso aqui é  *você*. – Fazendo o possível para não deixar meus olhos vacilarem diante daquele olhar insistente, vi os traços de seu rosto se suavizarem, e ele deu uma risadinha.

– Qual é a graça? – perguntei.

– Para ser sincero, você não é como eu imaginava.

– Como assim?

Mas a atenção de Theo foi atraída por um fotógrafo que pediu uma pose do grupo, então não cheguei a ouvir o que ele queria dizer.

Depois disso, comecei a notar sua presença em diversos eventos sociais ligados às regatas das quais participávamos. Theo tinha uma qualidade indefinível, uma vibração, além de uma risada fácil e suave que, apesar de sua postura aparentemente reservada, parecia atrair as pessoas. Se o evento fosse formal, ele quase sempre aparecia de calça social e blazer de linho amarfanhado em respeito ao protocolo e aos patrocinadores da competição, mas os sapatos surrados e os cabelos castanhos despenteados sempre o deixavam com cara de quem tinha acabado de sair do barco.

Nesses primeiros encontros, foi como se estivéssemos em uma dança nossa. Nossos olhares se cruzavam com frequência, mas ele nunca tentou dar continuidade àquela nossa primeira conversa. Foi só há um mês e meio, depois de a minha equipe vencer em Antígua, quando estávamos comemorando no Baile de Lorde Nelson, último evento da semana de competições, que ele se aproximou para me dar um tapinha no ombro.

– Parabéns, Al.

– Obrigada – respondi, satisfeita com o fato de a nossa equipe ter derrotado a dele, o que era raro.

– Tenho ouvido muita coisa boa sobre você nesta temporada. Quer fazer parte da minha equipe na Regata das Cíclades, em junho?

Eu já tinha recebido uma proposta para participar de outra equipe, mas ainda não havia aceitado. Theo percebeu minha hesitação.

– Você já está comprometida?

– É, estou. Provisoriamente.

– Bom, este é o meu cartão. Pense um pouco e me avise até o fim da semana. Seria muito útil ter alguém como você a bordo.

– Obrigada – agradei, tentando afastar da mente a minha própria hesitação. Quem, em sã consciência, recusaria um convite para trabalhar com

o cara atualmente conhecido como “Rei dos Mares”? Quando ele começou a se afastar, chamei-o: – A propósito, da última vez que a gente conversou, por que você falou que eu não era como você imaginava?

Ele parou e me deu uma conferida rápida com o olhar.

– Eu nunca tinha encontrado você pessoalmente; só tinha ouvido pedaços de conversas sobre a sua habilidade com a vela. Enfim... Você não é como eu imaginava. Boa noite, Al.

Fiquei remoendo essa conversa enquanto voltava para o meu quarto numa pequena pousada próxima ao porto de St. John, deixando o ar da noite me refrescar e imaginando por que Theo me fascinava tanto. Os postes conferiam às alegres fachadas multicoloridas da rua um cálido brilho noturno, e o burburinho preguiçoso das pessoas em bares e cafés fluía longe na minha direção. Mas eu não prestei atenção em nada disso, de tão animada que estava com a vitória... e com a proposta de Theo Falys-King.

Assim que entrei no quarto, fui direto para o laptop e escrevi um e-mail para ele aceitando o convite. Antes de mandar o e-mail, tomei uma chuva-rada, depois reli o texto e enrubesci ao constatar que parecia empolgada demais. Decidi guardá-lo na pasta de rascunhos e enviá-lo dali a um ou dois dias, então me estiquei na cama e flexionei os braços para aliviar a tensão e as dores provocadas pela regata mais cedo.

– Bom, Al – murmurei comigo mesma com um sorriso. – *Essa, sim*, vai ser uma regata interessante.

Mandei o e-mail conforme o planejado, e Theo me respondeu na mesma hora dizendo que estava contente por eu ter decidido entrar para a sua equipe. Então, há apenas duas semanas, foi com um nervosismo inexplicável que coloquei os pés a bordo do iate Hanse 540 preparado para a competição no porto de Naxos, onde começaria o treinamento para a Regata das Cíclades.

A regata não exigia muito em termos competitivos, pois os participantes eram um misto de velejadores sérios e entusiastas de fim de semana, todos animados com a perspectiva de passar uma semana velejando em um cenário incrível, em meio a algumas das ilhas mais bonitas do mundo. Como éramos uma das tripulações mais experientes da competição, eu sabia que tínhamos fortes chances de vencer.

As tripulações de Theo eram conhecidas por serem sempre muito jovens. Meu amigo Rob Bellamy e eu éramos os mais velhos e experientes. Eu ouvira dizer que Theo preferia recrutar os talentos da vela bem no início da carreira,

a fim de evitar maus hábitos. Guy, um inglês fortão, Tim, um australiano despreocupado e Mick, um velejador meio alemão, meio grego, que conhecia as águas do Egeu como a palma da mão, completavam a tripulação de seis pessoas.

Embora empolgada com a oportunidade de trabalhar com Theo, eu não estava às cegas. Tinha me esforçado para reunir o máximo de informações, nas minhas pesquisas na internet e com gente que já havia trabalhado com ele, sobre o enigma conhecido como “Rei dos Mares”.

Descobri que Theo era britânico e havia estudado em Oxford, o que explicava o sotaque, mas na internet seu perfil dizia que ele era um cidadão americano e que tinha conduzido o time universitário de Yale muitas vezes à vitória. Um amigo ouvira dizer que ele vinha de uma família rica, outro, que ele morava em um barco.

“Perfeccionista”... “Controlador”... “Difícil de agradar”... “Workaholic”... “Misógino”... Esses foram alguns dos outros comentários que eu havia reunido – o último deles da boca de uma companheira velejadora que alegava ter sido colocada de lado e maltratada em uma tripulação de Theo, afirmação que me deu o que pensar. Mas a maioria esmagadora das opiniões dizia a mesma coisa: “Sem qualquer sombra de dúvida, o melhor capitão com quem já trabalhei.”

Nesse primeiro dia a bordo, comecei a entender por que Theo era tão respeitado por seus pares. Eu estava acostumada com capitães que viviam aos gritos, berrando comandos e xingamentos para todo lado, feito um chef de cozinha mal-humorado. O estilo discreto de Theo foi uma revelação para mim. Ele falava muito pouco ao nos mandar executar nossas funções e ficava só observando a certa distância. No fim do dia, reunia todo mundo e, com sua voz calma e firme, assinalava os pontos fortes e fracos de cada um. Percebi que ele não deixava passar nada, e seu ar natural de autoridade nos fazia prestar atenção em cada palavra que dizia.

– Falando nisso, Guy, não quero mais saber dessas escapadinhas para fumar durante os treinos em condições de regata – completou ele, com um meio sorriso antes de nos dispensar.

Guy ficou com o rosto vermelho, até a raiz dos cabelos louros.

– Esse cara deve ter olhos na nuca – resmungou ele comigo um pouco depois, enquanto desembarcávamos para tomar banho e trocar de roupa antes do jantar.

Nessa primeira noite, saí da pensão com o resto da tripulação feliz por ter decidido competir com eles. Passeamos pelo porto de Naxos, com seu antigo castelo de pedra iluminado acima da cidade e um labirinto de ruazinhas sinuosas que serpenteiam entre as casas caiadas de branco. Os restaurantes do porto estavam lotados de velejadores e turistas que saboreavam frutos do mar e faziam brindes com *ouzo*. Achamos um pequeno restaurante familiar em uma rua afastada, com cadeiras de madeira bambas e louça que não combinava. A comida caseira era bem o que precisávamos após o longo dia no iate. A maresia nos deixara famintos.

Minha fome evidente atraiu os olhares de alguns homens enquanto eu devorava a *moussaka* e generosas porções de arroz.

– O que foi? Nunca viram uma mulher comer? – comentei, sarcástica, enquanto me inclinava para pegar mais um pedaço de pão sírio.

Theo entrou na brincadeira fazendo uma ou outra observação sagaz, mas foi embora logo depois do jantar. Ele preferia não participar da noitada pós-refeição pelos bares do porto. Pouco depois, segui seu exemplo. Durante meus anos como velejadora profissional, já havia aprendido que o comportamento dos rapazes após o anoitecer não era algo que eu gostaria de testemunhar.

Nos dias que se seguiram, sob os olhos verdes atentos de Theo, começamos a nos entrosar, e logo nos tornamos uma equipe fluida e eficiente. Minha admiração por seus métodos aumentou depressa. Na terceira noite em Naxos, particularmente cansada depois de um dia extenuante sob o sol inclemente do mar Egeu, fui a primeira a me levantar da mesa do jantar.

– Certo, rapazes. Vou me recolher.

– Eu também. Boa noite, rapaziada. Sem ressaca a bordo amanhã, por favor – disse Theo, acompanhando-me para fora do restaurante. – Posso ir com você? – perguntou ele ao me alcançar na rua.

– Pode, claro – concordei, subitamente tensa por estarmos sozinhos pela primeira vez.

Caminhamos de volta até a pensão pelas ruas estreitas de paralelepípedos; o luar iluminava as casinhas brancas com suas portas pintadas de azul e janelas com venezianas de ambos os lados. Fiz o que pude para puxar conversa, mas Theo dizia apenas um ou outro “sim” ou “não”, e suas respostas taciturnas começaram a me irritar.

Quando chegamos à recepção da pequena pensão, ele de repente se virou para mim e disse:

– Você tem mesmo um instinto de velejadora, Al. Dá um banho na maioria dos seus companheiros de tripulação. Quem ensinou você a velejar?

– Meu pai – respondi, surpresa com o elogio. – Ele me leva para velejar no lago Léman, em Genebra, desde que eu era muito pequena.

– Ah, Genebra. Está explicado o sotaque francês.

Preparei-me para o comentário típico “diga alguma coisa sexy em francês” que os homens em geral faziam nessa hora, mas ele não fez.

– Bom, seu pai deve ser um velejador e tanto... ele fez um trabalho excelente.

– Obrigada – agradei, desarmada.

– O que você acha de ser a única mulher a bordo? Embora eu tenha certeza de que essa não é a primeira vez... – emendou ele depressa.

– Sinceramente, eu nem penso nesse assunto.

Ele me encarou com um olhar observador através dos óculos com aros grossos.

– Ah, não? Bom, desculpe dizer, mas eu acho que pensa, sim. Eu sinto que às vezes você exagera tentando compensar esse fato, e é nessas horas que comete erros. Sugiro que relaxe mais e tente ser você mesma. Enfim, boa noite.

– Ele abriu um breve sorriso, então subiu a escada de lajotas brancas que conduzia a seu quarto.

Nessa noite, deitada na cama estreita, senti os lençóis brancos engomados pinicando minha pele e as bochechas ardendo com a crítica de Theo. Por acaso era culpa *minha* se a presença de mulheres a bordo de embarcações de competição profissionais ainda era uma relativa raridade – ou uma novidade, como diriam sem dúvida alguns dos meus colegas homens? E quem Theo Falys-Kings pensava que era? Alguma espécie de psicólogo pop, que saía por aí analisando gente que não precisava de análise?

Eu sempre havia pensado que sabia lidar bem com aquela coisa de “ser mulher em um mundo dominado pelos homens” e conseguia levar na boa os comentários brincalhões e as indiretas sobre minha condição feminina. Havia construído um muro impenetrável no universo profissional e tinha duas personalidades distintas: em casa era “Ally” e, no trabalho, era “Al”. Sim, muitas vezes era difícil, e eu tinha aprendido a segurar a língua, sobretudo quando os comentários eram de natureza obviamente sexista e faziam

alusão ao meu suposto comportamento “de louira”. Sempre fiz questão de evitar esse tipo de comentário mantendo meus cachos louros com reflexos ruivos longe do rosto e presos em um firme rabo de cavalo e não usando um pingo sequer de maquiagem para realçar os olhos ou esconder as sardas. Para completar, eu dava duro igualzinho a qualquer um dos marmanjos a bordo – e talvez mais ainda, pensei com irritação.

Ainda indignada, sem conseguir pegar no sono, lembrei do meu pai me dizendo que grande parte da irritação que as pessoas sentem em relação a comentários pessoais em geral se deve ao fato de existir neles um tiquinho de verdade. À medida que as horas foram passando, tive que reconhecer que Theo provavelmente tinha razão. Eu não estava sendo “eu mesma”.

Na noite seguinte, ele tornou a me acompanhar até a pensão. Embora não fosse fisicamente grande, eu o achava muito intimidador, e me peguei gaguejando e tropeçando nas palavras. Sem dizer nada, ele escutou enquanto eu me esforçava para explicar minha dupla personalidade.

– Bom, meu pai... cuja opinião em geral não considero justa, um dia me disse que, se as mulheres usassem os próprios pontos fortes em vez de ficarem tentando ser como os homens, elas mandariam no mundo. Talvez você devesse tentar fazer isso – comentou ele.

– Sendo homem, é fácil falar, mas o seu pai por acaso já trabalhou em um ambiente totalmente dominado por mulheres? E, se tivesse trabalhado, será que teria sido “ele mesmo”? – rebati, irritada por ser tratada com aquela condescendência.

– Esse é um bom argumento – concordou Theo. – Bem, pelo menos talvez ajude um pouco se eu chamá-la de “Ally”. Combina mais com você do que “Al”. Você se importa?

Antes de eu ter a chance de responder, ele parou abruptamente no cais do pitoresco porto, onde pequenas embarcações de pesca balançavam suavemente entre iates e lanchas maiores, com os ruídos tranquilizadores de um mar calmo a bater em seus cascos. Vi-o erguer os olhos para o céu e inflar visivelmente as narinas para farejar o ar e tentar descobrir que tipo de clima o dia seguinte traria. Era algo que eu só tinha visto velejadores mais velhos fazerem, e dei uma risadinha ao imaginar Theo como um lobo do mar idoso e desgrenhado.

Ele se virou para mim com um sorriso intrigado.

– Qual é a graça?

– Nenhuma – respondi. – E, se você preferir, fique à vontade para me chamar de Ally.

– Obrigado. Agora vamos dormir um pouco. Programei um dia pesado para a gente amanhã.

Nessa noite, assim como na anterior, perdi o sono lembrando nossa conversa. Logo *eu*, que em geral dormia feito uma pedra, sobretudo quando estava treinando ou competindo.

E os conselhos de Theo tiveram um efeito contrário. Nos dias que se seguiram, cometi vários errinhos bobos que me fizeram sentir mais uma novata do que a profissional que eu de fato era. Repreendi-me com severidade, mas, por ironia e apesar das provocações bem-humoradas dos colegas, Theo não fez crítica nenhuma.

Na nossa quinta noite, muito constrangida e confusa com o nível medíocre da minha performance, nada característico de mim, nem sequer jantei com o resto da tripulação. Em vez disso, fiquei sentada na varandinha da pensão e comi pão, queijo *feta* e azeitonas que a simpática proprietária havia providenciado para mim. Afoguei as mágoas no vinho tinto forte que ela me serviu e, depois de várias taças, comecei a ficar tonta e sentir pena de mim mesma. Estava cambaleando trôpega, levantando da mesa para ir para a cama, quando Theo apareceu na varanda.

– Está tudo bem? – perguntou ele, ajeitando os óculos mais para cima do nariz para me enxergar melhor.

Olhei para ele estreitando os olhos, mas sua silhueta havia se transformado em um borrão inexplicável.

– Tudo – respondi, com a voz arrastada, e voltei a me sentar depressa quando tudo em que tentava focar os olhos começou a rodar.

– Ficamos preocupados por você não aparecer hoje. Não está doente, está?

– Não – respondi, sentindo o gosto amargo da bile subir pela garganta.

– Está tudo bem.

– Se estiver doente, pode me contar, tá? Não vou usar isso contra você. Posso me sentar?

Não respondi. Na verdade, constatei que não conseguia falar, dado o esforço que estava fazendo para controlar minhas náuseas. Mesmo assim, ele se sentou na cadeira de plástico do outro lado da mesa.

– Qual é o problema, então?

– Nenhum – consegui dizer.



– Ally, você está com uma aparência terrível. Tem certeza de que não está passando mal?

– Eu... com licença.

Dizendo isso, levantei-me aos tropeços e mal consegui chegar até a beirada da varanda antes de vomitar por cima do guarda-corpo na calçada do outro lado.

– Coitadinha. – Senti duas mãos me segurarem com firmeza pela cintura. – É óbvio que você não está nada bem. Vou ajudá-la a ir para o quarto. Qual é o número?

– Eu estou... estou muito bem – balbuciei como uma boba, totalmente horrorizada com o que acabara de acontecer.

E logo na frente de Theo Falys-Kings, um homem que, por algum motivo, eu estava desesperadamente tentando impressionar. No fim das contas, a situação não poderia ter sido pior.

– Vamos lá.

Ele passou meu braço inerte por cima do próprio ombro e meio que me carregou para fora da varanda enquanto os outros hóspedes nos olhavam com repulsa.

Quando cheguei ao quarto, ainda vomitei mais algumas vezes, mas pelo menos foi na privada. A cada vez que eu saía do banheiro, Theo estava à minha espera, pronto para me ajudar a me deitar de novo.

– É sério – grunhi. – Amanhã de manhã vou estar bem, juro.

– Faz duas horas que você está dizendo isso entre uma vomitada e outra – retrucou ele, pragmático, enquanto limpava o suor pegajoso da minha testa com uma toalha umedecida em água fria.

– Vá dormir, Theo – murmurei, grogue. – Eu já estou bem, sério mesmo. Só preciso dormir.

– Daqui a pouco eu vou.

– Obrigada por cuidar de mim – murmurei ao mesmo tempo que meus olhos começavam a fechar.

– Não tem de quê, Ally.

Então, enquanto eu pairava num mundo intermediário, naqueles poucos segundos antes de pegar no sono, nem lá nem cá, sorri.

– Eu acho que amo você – ouvi-me dizer, e então apaguei.

No dia seguinte, acordei um pouco trêmula, mas me sentindo melhor. Ao sair da cama, tropecei em Theo, que havia pegado um travesseiro extra

e estava encolhido no chão, ferrado no sono. Fechei a porta do banheiro, deixei-me cair sentada na borda da banheira e recordei as palavras que havia pensado na noite anterior... ai, meu Deus! Será que eu chegara a dizê-las?

*Eu acho que amo você...*

De onde tinha saído aquilo, pelo amor de Deus? Ou será que tinha sido um sonho? Afinal de contas, estava passando muito mal e poderia ter delirado. *Meu Deus, tomara*, grunhi para mim mesma, segurando a cabeça entre as mãos. Mas... se eu não tivesse dito nada, como conseguia me lembrar daquelas palavras de um modo tão vívido? Era ridículo, claro, mas agora Theo talvez pensasse que eu estava falando sério. E eu não estava... ou será que estava?

Algum tempo depois, saí do banheiro toda encabulada e vi que ele estava indo embora. Não consegui encará-lo nos olhos quando me disse que iria até o quarto dele tomar uma chuveirada e voltaria para me buscar dali a dez minutos, para irmos tomar café da manhã.

– Sério, Theo, pode ir. Não quero arriscar.

– Ally, você precisa pôr alguma coisa para dentro. Se não conseguir manter a comida no estômago por uma hora depois de comer, infelizmente estará banida do veleiro até conseguir. Você conhece as regras.

– Tá bom – concordei, tristonha.

Quando ele saiu, desejei com todas as minhas forças ter o poder de ficar invisível. Nunca, em toda a minha vida, quisera estar em outro lugar tanto quanto naquele instante.

Quinze minutos depois, saímos juntos para a varanda. Os outros membros da tripulação ergueram os olhos da mesa para nós dois com sorrisos maliciosos de quem tinha entendido tudo. Eu quis socar todos eles.

– Ally passou mal – informou Theo enquanto nos sentávamos. – Mas pelo visto você também não dormiu muito bem, Rob.

Os outros tripulantes deram risadinhas para Rob, que deu de ombros, envergonhado, enquanto Theo começava a falar calmamente sobre o treino que havia planejado.

Fiquei sentada sem dizer nada, satisfeita por ele ter mudado o rumo da conversa, mas sabia o que os outros estavam pensando. E a ironia era que estavam todos muito errados. Eu havia jurado nunca ir para a cama com um companheiro de embarcação, pois sabia com que rapidez as mulheres

podiam ficar mal faladas no mundinho das regatas. E agora parecia ter conquistado essa má reputação sem motivo.

Pelo menos consegui não vomitar o café da manhã e pude embarcar. A partir desse momento, me esforcei ao máximo para deixar claro para todo mundo – especialmente para o próprio – que eu não estava nem um pouco interessada em Theo Falys-Kings. Durante os treinos, mantinha a maior distância possível dele e lhe respondia em monossílabos. À noite, depois do jantar, cerrava os dentes e continuava sentada à mesa com os outros quando ele se levantava para voltar para a pensão.

Porque eu não o amava, dizia para mim mesma. E não queria que ninguém mais pensasse isso. No entanto, na minha determinação por convencer todos à minha volta, percebi que não havia nenhuma convicção firme na minha própria mente. Eu me pegava olhando para ele quando achava que ele não estava vendo. Admirava seu jeito calmo e contido de lidar com a tripulação e seus comentários sensíveis, que nos uniam e nos faziam trabalhar melhor em equipe. E admirava a maneira como, apesar de ele não ser muito alto em comparação com os outros, seu corpo era firme e musculoso debaixo das roupas. Ficava observando enquanto ele demonstrava repetidas vezes que era o mais em forma e o mais forte de todos nós.

Sempre que a minha mente traiçoeira se deixava levar *nessa* direção, eu fazia o possível para puxá-la de volta. De uma hora para a outra, porém, comecei a reparar que Theo vivia sem camisa. De fato, fazia muito calor durante o dia, mas será que ele precisava mesmo ficar sem camisa para examinar os mapas da regata?

– Está precisando de alguma coisa, Ally? – perguntou-me ele certa vez, virando-se e me flagrando com os olhos pregados nele.

Não me lembro nem do que balbuciei ao lhe dar as costas, com o rosto muito vermelho de vergonha.

Só fiquei aliviada por Theo nunca ter mencionado o que eu talvez tivesse dito a ele na noite em que passara mal. Comecei a me convencer de que tudo não devia mesmo ter passado de um sonho. Mesmo assim, sabia que algo tinha acontecido comigo e não era possível voltar atrás. Algo sobre o qual, pela primeira vez na vida, eu parecia não ter nenhum controle. Da mesma forma que meu padrão de sono habitual tinha me abandonado, meu saudável apetite havia desaparecido. Quando eu conseguia pegar no sono, tinha sonhos vívidos com ele, do tipo que me fazia enrubescer ao acordar e que tornava

meu comportamento em relação a ele ainda mais desajeitado. Quando eu era adolescente, lia histórias de amor e não lhes dava importância; preferia os thrillers de trama densa. No entanto, ao listar mentalmente meus sintomas atuais, constatei com tristeza que todos eles pareciam corresponder à mesma realidade: por algum motivo, eu dera um jeito de me apaixonar por Theo Falys-Kings.

Na última noite de treino, Theo se levantou da mesa depois do jantar e nos disse que tínhamos feito um trabalho espetacular e que ele acreditava de verdade que poderíamos vencer a regata. Depois do brinde, eu estava a ponto de me retirar para a pensão quando notei o olhar dele em mim.

– Ally, só tem uma coisa que eu queria conversar com você. Segundo o regulamento, precisamos de um membro da tripulação que fique responsável pelos primeiros-socorros. Não significa nada, é só burocracia e uns formulários para assinar. Você faria isso?

Ele apontou para uma pasta de plástico e meneou a cabeça em direção a uma mesa vazia. Seguimos até ela.

– Eu não sei rigorosamente nada sobre primeiros-socorros. E só porque sou mulher não quer dizer que saiba cuidar dos outros melhor do que os homens – falei, desafiadora, enquanto nos sentávamos à mesa longe dos outros. – Por que não pede a Tim ou um dos outros?

– Ally, cale a boca, por favor. Era só uma desculpa. Olhe aqui. – Theo me mostrou as duas folhas de papel em branco que acabara de tirar da pasta. – Então... – continuou, passando-me uma caneta. – Em nome das aparências, principalmente da sua, nós agora vamos ter uma conversa sobre as suas responsabilidades como membro da tripulação responsável pelos primeiros-socorros. E ao mesmo tempo vamos conversar sobre o fato de que, na noite em que você passou mal, disse que achava que me amava. E a verdade, Ally, é que eu acho que talvez esteja sentindo a mesma coisa por você.

Theo fez uma pausa, e eu o encarei com total incredulidade para ver se ele estava me provocando, mas estava entretido fingindo verificar os papéis.

– O que eu gostaria de sugerir é que a gente descubra o que isso significa para nós dois – continuou ele. – Amanhã, vou pegar meu iate e sumir durante um fim de semana prolongado. Gostaria que você viesse comigo. – Ele enfim ergueu os olhos para mim. – Você topa?

Minha boca abria e fechava, decerto criando uma boa imitação de um peixinho dourado, mas eu simplesmente não sabia o que responder.

– Pelo amor de Deus, Ally, diga que sim e pronto. Desculpe o péssimo trocadilho, mas estamos no mesmo barco. Nós dois sabemos que existe algo entre a gente, e isso desde o momento em que nos conhecemos, um ano atrás. Para ser franco, pelo que ouvi a seu respeito, esperava uma mulher musculosa e masculina. Mas aí apareceu você, com esses olhos azuis e essa deslumbrante cabeleira loura, e me desarmou completamente.

– Ah – falei, sem saber o que dizer.

– Então. – Ele pigarreou e percebi que estava igualmente nervoso. – Vamos fazer aquilo que mais amamos: ficar um tempo de bobeira no mar e dar a essa “coisa”, seja ela qual for, uma chance de evoluir. Na pior das hipóteses, você vai gostar do iate. É muito confortável e veloz.

– Vai... vai ter mais alguém a bordo? – perguntei, quando consegui recuperar a voz.

– Não.

– Então você vai ser o capitão e eu, a única tripulante?

– É, mas eu prometo não obrigar você a subir nas cordas nem a passar a noite inteira sentada no cesto da gávea. – Ele então sorriu e seus olhos verdes tinham uma expressão calorosa. – Ally, diga que sim e pronto.

– Tá – concordei.

– Ótimo. Agora, quem sabe, você possa assinar aqui na linha pontilhada para... Ahn, para fechar o acordo. – Ele apontou com o dedo para um ponto da folha em branco.

Olhei de relance em sua direção e vi que ele ainda estava sorrindo para mim. Finalmente lhe sorri de volta. Assinei meu nome e lhe devolvi o papel. Ele o estudou com uma expressão séria fingida e em seguida a recolocou dentro da pasta de plástico.

– Então, combinado – disse ele, erguendo a voz para nossos colegas poderem escutar.

Eles deviam estar mesmo de orelha em pé.

– E vejo você lá no porto ao meio-dia para lhe passar suas tarefas.

Ele me deu uma piscadela e calmamente voltamos para junto dos outros, mas meu ritmo controlado era só um disfarce para a maravilhosa onda de entusiasmo que me percorria por dentro.

## 2

**A** verdade é que nem Theo nem eu tínhamos certeza do que esperar quando içamos as velas e saímos de Naxos no seu iate Sunseeker, o esguio e potente *Netuno*, que era pelo menos 20 pés mais longo do que o Hanse, com o qual íamos participar da regata. Eu havia me acostumado a dividir com muitas outras pessoas as pequenas cabines, e agora que estávamos só os dois, todo aquele espaço adquiria uma presença exagerada. A cabine principal era uma luxuosa suíte, em teca envernizada, e quando vi a grande cama de casal me lembrei das circunstâncias em que dormíramos no mesmo quarto pela última vez.

– Comprei o iate bem baratinho uns dois anos atrás, quando o dono foi à falência – explicou ele enquanto conduzia a embarcação para fora do porto de Naxos. – Pelo menos agora eu tenho um teto.

– Você mora mesmo no barco? – indaguei, surpresa.

– Nos intervalos maiores, fico em Londres, na casa da minha mãe, mas no último ano tenho morado aqui nas raras ocasiões em que não estou levando outro barco até o local de uma regata ou competindo. Mas agora quero ter minha própria casa em terra firme. Na verdade, acabei de comprar uma, mas ela precisa de uma obra enorme e só Deus sabe quando vou ter tempo para isso.

Como eu já estava acostumada com o superiate oceânico do meu pai, o *Titã*, que tinha um sofisticado sistema computadorizado de navegação, nós dois dividimos a “condução”, como Theo gostava de dizer. Nessa primeira manhã, porém, tive dificuldade para deixar de lado o protocolo habitual quando estava a bordo com ele. Sempre que Theo me pedia para fazer alguma coisa, eu precisava me segurar para não responder: “Sim, capitão!”

Dava para sentir a tensão entre nós; nenhum dos dois tinha certeza de como ultrapassar a barreira do relacionamento profissional que tínhamos até então e levar as coisas para um patamar mais íntimo. Nossas conversas

eram engessadas; eu pensava duas vezes antes de dizer qualquer coisa naquela situação estranha, e acabava recorrendo sobretudo a banalidades sem importância. Theo ficava praticamente o tempo todo calado, e quando lançamos a âncora para almoçar, eu já estava começando a achar que aquela ideia toda tinha sido um completo desastre.

Fiquei grata quando ele apareceu com uma garrafa de *rosé* da Provence geladinho para acompanhar nossa salada. Nunca fui de beber muito, e certamente não no mar, mas de alguma forma conseguimos dar conta da garrafa sem dificuldade. Para tirá-lo daquele silêncio constrangedor, decidi falar sobre regatas. Falamos sobre nossa estratégia para as Cíclades e conversamos sobre como seria diferente a competição seguinte, nas Olimpíadas de Pequim. Minhas últimas provas eliminatórias para uma vaga na equipe suíça seriam no fim do verão, e Theo me disse que iria velejar até os Estados Unidos.

– Quer dizer que você nasceu nos Estados Unidos? Mas seu sotaque é britânico.

– Meu pai é americano, e minha mãe, inglesa. Eu estudei num colégio interno em Hampshire, depois fui para Oxford, e de lá para Yale – explicou ele. – Sempre fui meio CDF.

– O que você estudou?

– Letras clássicas em Oxford, depois fiz mestrado em psicologia em Yale. Tive sorte de conseguir entrar para a equipe de vela da universidade e acabei virando capitão. Tudo bem privilegiado. E você?

– Estudei flauta no Conservatoire de Musique de Genève. Mas então está explicado... – Olhei para ele de soslaio com um leve sorriso.

– O que está explicado?

– O fato de você gostar tanto de analisar os outros. É uma parte do motivo de você fazer tanto sucesso como capitão é porque sabe lidar tão bem com a tripulação. Principalmente comigo – arrematei, encorajada pela bebida. – Seus comentários me ajudaram, de verdade, mesmo que na hora eu não tenha gostado de escutá-los.

– Obrigado. – O elogio o fez encolher a cabeça com timidez. – Em Yale, me deram total liberdade para aliar meu amor pela vela com a psicologia, e eu desenvolvi um estilo de comando que alguns podem considerar um pouco fora do comum, mas que para mim funciona.

– Seus pais apoiavam a sua paixão pela vela?

– Minha mãe sim, mas meu pai... Bom, eles se separaram quando eu tinha 11 anos, e uns dois anos depois passaram por um divórcio difícil. Então, papai voltou para os Estados Unidos. Eu passava as férias com ele lá quando era mais novo, mas ele vivia viajando a trabalho e contratava babás para ficarem comigo. Foi me visitar algumas vezes quando eu estava em Yale para me ver competir, mas não posso dizer que o conhecia muito bem. Só pelo que ele fez com a minha mãe, e reconheço que a antipatia dela em relação a ele atrapalhou meu julgamento. Bem... de toda forma, eu adoraria ouvir você tocar flauta – disse ele, recuperando-se, mudando de assunto de repente e me encarando de frente, olhos verdes mergulhados em azuis. Mas o momento logo passou; ele tornou a olhar para o outro lado e se remexeu na cadeira.

Frustrada pelo aparente fracasso das minhas tentativas de fazê-lo se abrir, também mergulhei em um silêncio contrariado. Depois de levarmos a louça suja para a cozinha, mergulhei pela lateral do iate e nadei num ritmo forte e rápido para desanuviar meu cérebro embotado pelo vinho.

– Quer subir lá no convés de cima para pegar um sol antes de prosseguirmos? – indagou ele quando voltei a bordo.

– Está bem – concordei, embora sentisse que a minha pele clara e sar-denta já tinha pegado sol mais do que suficiente.

Quando estava no mar, em geral me cobria inteira com um bloqueador solar à prova d'água, mas isso praticamente equivalia a me pintar de branco, e não era um visual dos mais sedutores. Naquela manhã, tinha usado um filtro solar mais leve, mas estava começando a achar que a queimadura não valeria a pena.

Theo pegou duas garrafas d'água no *cooler* e fomos nos acomodar no confortável convés de cima, na proa do iate. Deitamo-nos um ao lado do outro sobre as almofadas confortáveis, e arrisquei uma olhadela discreta na sua direção; meu coração batia descontrolado diante da proximidade seminua. Decidi que, se ele não tomasse logo a iniciativa, eu teria que fazer algo nada digno de uma dama e simplesmente pular em cima dele. Virei a cabeça para o outro lado, tentando impedir que mais pensamentos safadinhos invadissem a minha cabeça.

– Mas me fale sobre as suas irmãs e a casa no Lago Léman onde vocês moram. Parece um lugar idílico – disse ele.

– E é... eu...



Com o cérebro todo bagunçado pelo desejo e pelo álcool, a última coisa que eu queria era iniciar um longo monólogo sobre a minha complexa situação familiar.

– Estou meio com sono. Posso contar depois? – falei, virando de bruços.

– É claro que pode. Ally?

Senti o leve toque de seus dedos nas minhas costas.

– O quê? – Virei-me e ergui os olhos para ele; minha garganta se contraiu de expectativa, e fiquei sem ar.

– Seus ombros estão ficando queimados.

– Ah. Tá bom – rebati. – Bom, então vou lá para baixo sentar na sombra.

– Quer que eu vá também?

Não respondi, apenas dei de ombros enquanto me levantava e percorria a estreita parte do convés que dava na popa. Ele então segurou a minha mão.

– Ally, o que houve?

– Nada, por quê?

– Você está parecendo muito... tensa.

– Ah! Você também – retorqui.

– É mesmo?

– É – falei, enquanto ele me seguia escada abaixo até a popa e eu me sentava pesadamente em um banco à sombra.

– Desculpe. – Ele suspirou. – Eu nunca fui muito bom nessa parte.

– A que “parte” exatamente você está se referindo?

– Ah, você sabe. Todos esses preâmbulos, saber como conduzir a coisa. Quero dizer, eu respeito você e gosto de você, e não queria deixá-la com a sensação de que a trouxe no iate pensando só em sacanagem. Você poderia muito bem ter achado que era só isso que eu queria, já que é tão sensível em relação a ser mulher em um mundo de homens e...

– Pelo amor de Deus, Theo, eu não sou nada sensível!

– Sério? – Ele revirou os olhos, incrédulo. – Para ser sincero, hoje em dia a gente fica com medo de levar um processo por assédio sexual pelo simples fato de olhar para uma mulher com admiração. Já aconteceu comigo uma vez, com outra tripulante da minha equipe.

– Foi mesmo? – Fingi surpresa.

– Foi. Acho que eu disse alguma coisa do tipo: “Oi, Jo. Que bom ter você a bordo para animar os rapazes.” Depois disso, não tive mais chance de me redimir.

Encarei-o.

– Você *não disse* isso!

– Ah, pelo amor de Deus, Ally, o que eu quis dizer foi que ela iria nos deixar em alerta. A reputação profissional dela era excelente. E por algum motivo ela levou a coisa para o outro lado.

– Não consigo imaginar por quê... – comentei, ácida.

– Infelizmente, nem eu consegui.

– Theo, eu estava sendo irônica! Entendo perfeitamente por que ela se ofendeu. Você não pode imaginar os comentários que nós velejadoras escutamos. Não é de espantar que ela tenha se ofendido.

– Bom, foi por isso que eu fiquei tão nervoso quando soube que teria você a bordo. Principalmente porque eu achava você tão atraente.

– Eu sou o contrário, lembra? – rebati. – Você me criticou por tentar ser homem e não saber aproveitar meus pontos fortes!

– É verdade – disse ele com um sorriso. – E agora você está aqui sozinha comigo e trabalhamos juntos, você talvez pense que...

– Theo! Isso já está ficando ridículo. Acho que é você quem tem problema, não *eu!* – disparei em resposta, agora irritada de verdade. – Você me convidou para vir ao seu iate, e eu vim por livre e espontânea vontade!

– Veio, mesmo, mas, para ser sincero, essa coisa toda... – Ele fez uma pausa e me encarou com um olhar intenso. – Você é muito importante para mim. E desculpe me comportar como um idiota, mas faz tanto tempo que não pratico essa coisa de... paquerar. E não quero fazer nada errado.

Meu coração amoleceu.

– Bom, nesse caso, que tal tentar parar de analisar tudo e relaxar um pouco? – sugeri. – Aí quem sabe eu relaxo também. Lembre-se: eu *quero* estar aqui.

– Tá, vou tentar.

– Ótimo. – Examinei meus braços queimados de sol. – Agora, como estou mesmo começando a parecer um tomate maduro, vou descer para fazer uma pausa do sol. E você é muito bem-vindo para me acompanhar, se quiser. – Levantei-me e fui até a escada. – E prometo não processá-lo por assédio sexual. Na verdade... – acrescentei, ousada. – Talvez eu até o encoraje um pouquinho.

Desapareci escada abaixo, rindo por ter feito um convite tão direto e me perguntando como ele iria reagir. Quando entrei na cabine e me deitei

na cama, senti-me poderosa. Theo podia ser o chefe no trabalho, mas eu estava decidida a obter paridade, ou quem sabe até proeminência, em qualquer relacionamento pessoal que nós dois pudéssemos vir a ter.

Cinco minutos depois, ele apareceu encabulado na porta e pediu mil desculpas por ter sido “ridículo”. Quando ele acabou de falar, mandei-o calar a boca e vir para a cama.

Depois que *tudo* aconteceu, as coisas ficaram bem entre nós. Nos dias que se seguiram, ambos percebemos que o que estava acontecendo era muito mais profundo do que uma simples atração física: era a rara trindade de corpo, coração e mente. Por fim, então, mergulhamos na alegria mútua daquele encontro.

Nossa proximidade aumentou a um ritmo mais veloz do que o normal, uma vez que já tínhamos consciência das qualidades e dos defeitos de cada um, embora eu deva dizer que não falávamos muito sobre os últimos. Apenas nos esbaldávamos com o quão maravilhosos parecíamos aos olhos um do outro. Passávamos o tempo inteiro fazendo amor, bebendo vinho e comendo os peixes frescos que ele pescava da popa do iate enquanto eu ficava deitada em seu colo lendo um livro, preguiçosa. Nosso apetite físico vinha acompanhado por uma fome igualmente insaciável de saber o máximo que pudéssemos sobre o outro. Juntos e sozinhos, na paz proporcionada pelo mar, minha sensação era de que estávamos vivendo fora do tempo e de que não precisávamos de nada a não ser um do outro.

Na nossa segunda noite, deitada nos braços de Theo sob as estrelas no convés superior, contei-lhe sobre Pa Salt e minhas irmãs. Como todos sempre faziam, ele escutou com fascínio a história da minha estranha e mágica infância.

– Então deixe-me entender direito: o seu pai, a quem sua irmã mais velha apelidou de “Pa Salt”, trouxe você e cinco outras bebezinhas de suas viagens ao redor do mundo. Da mesma forma que outras pessoas colecionariam ímãs de geladeira?

– É, basicamente isso. Embora eu goste de pensar que sou um pouco mais preciosa do que um ímã de geladeira.

– Isso a gente vai ver – disse ele, mordiscando com delicadeza minha orelha. – Ele mesmo cuidava de vocês?

– Não. Para isso tinha a Marina, que a gente sempre chamou de “Ma”. Pa a contratou como babá quando adotou Maia, minha irmã mais velha. Ela

é praticamente nossa mãe, e todas nós a adoramos. Como ela é francesa, esse foi um dos motivos pelos quais fomos criadas falando francês, além de ser um dos idiomas oficiais da Suíça. Como Pa tinha obsessão por sermos bilíngues, falava com a gente em inglês.

– Ele fez um bom trabalho. Eu nunca teria percebido que o inglês não era sua língua materna, a não ser pelo seu sensacional sotaque francês – disse ele, puxando-me para si e dando um beijo nos meus cabelos. – Seu pai algum dia contou por que adotou vocês?

– Eu perguntei para Ma um dia, e ela respondeu que ele estava solitário em Atlantis e tinha dinheiro de sobra para gastar, só isso. A gente nunca questionou por quê, simplesmente aceitou que estava ali, como qualquer criança. Somos uma família, nunca precisamos de motivo. Nós simplesmente... *somos*.

– Parece um conto de fadas. O rico benfeitor que adota seis órfãs. Por que só meninas?

– A gente brincava que, como ele tinha começado a nos batizar em homenagem às estrelas da constelação das Sete Irmãs, adotar um menino talvez atrapalhasse a sequência – falei, com uma risadinha. – Mas, para ser sincera, nenhuma de nós faz a menor ideia.

– Quer dizer então que o seu nome é Alcíone, a segunda irmã? É um pouco mais complicado de pronunciar do que Al – provocou ele.

– É, mas ninguém nunca me chama assim, a não ser Ma, quando está zangada – falei, com uma careta. – E não se atreva a começar!

– Eu adoro seu nome, minha pequena Alcíone. Acho que combina com você. Mas por que só seis irmãs, quando deveriam ter sido sete para corresponder à mitologia?

– Não faço a menor ideia. A última irmã, que teria sido batizada de Mérope se Pa a tivesse levado para casa, nunca chegou – expliquei.

– Que pena.

– É mesmo. Mas levando em conta o pesadelo que foi minha sexta irmã, Electra, quando chegou a Atlantis, acho que nenhuma de nós queria mais um bebê se esgoelando em casa.

– Electra? – Theo reconheceu o nome na hora. – Aquela supermodelo famosa?

– Ela mesma – respondi, cautelosa.

Theo se virou para mim, assombrado. Eu quase nunca mencionava que

era parente de Electra, pois isso costumava gerar um interrogatório interminável para descobrir quem de fato estava por trás de um dos rostos mais fotografados do mundo.

– Muito bem. E as suas outras irmãs? – indagou ele, deixando-me feliz por não perguntar mais nada sobre Electra.

– Maia vem logo antes de mim e é a mais velha. Ela é tradutora, e herdou de Pa o talento com idiomas. Perdi a conta de quantos ela fala. E se você acha Electra bonita, deveria ver Maia. Enquanto eu sou ruiva e sardenta, ela tem uma pele morena linda de morrer, cabelos escuros, parece uma diva latina exótica. Já em termos de personalidade, ela é bem diferente: vive praticamente reclusa e ainda mora em Atlantis. Diz que quer ficar lá para cuidar de Pa Salt. A gente acha que ela está se escondendo, mas de quê... – Deixei escapar um suspiro. – Eu não sei. Tenho certeza de que alguma coisa aconteceu quando ela foi para a universidade. Ela mudou da água para o vinho. Enfim, eu adorava Maia quando era pequena e ainda adoro, embora sinta que ela se afastou de mim nos últimos anos. Para dizer a verdade, ela fez isso com todo mundo, mas nós éramos muito próximas.

– Quando você se fecha, tende a ficar sozinho, se é que você me entende – murmurou Theo.

– Que profundo. – Provoquei-o com um sorriso. – Mas, sim, é mais ou menos isso.

– E a irmã seguinte?

– Chama-se Estrela, e tem três anos a menos do que eu. Na verdade, minhas duas irmãs do meio vieram em par. Ceci, a quarta, foi trazida para casa por Pa só três meses depois de Estrela, e desde então as duas são unha e carne. Ambas tiveram uma vida meio nômade depois que deixaram a universidade, viajaram pela Europa e pelo Extremo Oriente, mas aparentemente agora pretendem se fixar em Londres para Ceci fazer um curso em uma fundação de arte. Se você me perguntasse quem Estrela *realmente* é como pessoa, ou quais são seus talentos e ambições, eu infelizmente não saberia dizer, porque Ceci a domina por completo. Ela não fala muito, e deixa a irmã falar pelas duas. Ceci tem uma personalidade bem forte, igual à de Electra. Como você pode imaginar, existe um pouco de tensão entre as duas. Electra é tão intensa quanto seu nome sugere, mas eu sempre a achei muito vulnerável por dentro.

– Suas irmãs com certeza dariam um estudo psicológico fascinante, disso eu tenho certeza – comentou Theo. – E a última?

– A última é Tiggy, que é muito fácil de descrever porque é simplesmente um amor. Ela se formou em biologia e passou um tempo envolvida com pesquisa no zoológico de Servion antes de ir trabalhar em uma reserva de cervos nas Terras Altas da Escócia. Ela é muito... – Busquei a palavra certa. – Muito etérea, e tem um monte de crenças espirituais esquisitas. Literalmente parece flutuar em algum ponto entre o céu e a terra. A verdade é que todas nós implicamos com ela sem trégua ao longo dos anos toda vez que afirmava ter ouvido vozes ou visto um anjo na árvore do jardim.

– Quer dizer que você não acredita em nada disso? – perguntou-me Theo.

– Eu diria que tenho os pés bem firmes no chão. Ou pelo menos na água – emendei, com um sorriso. – Tenho uma natureza muito prática, e acho que é em parte por isso que minhas irmãs sempre me consideraram a “líder” do nosso pequeno bando. Mas isso não significa que eu não tenha respeito por aquilo que não conheço ou não entendo. E você?

– Bom, apesar de eu nunca ter visto nenhum anjo como a sua irmã, sempre me senti protegido. Principalmente velejando. Passei por vários momentos difíceis a bordo, mas até agora... vou até bater na madeira... consegui sair ileso. Talvez Poseidon esteja do meu lado, para usar uma analogia mitológica.

– Que continue assim por muito tempo – murmurei, com fervor.

– Então por fim, mas não menos importante: me fale sobre esse seu incrível pai. – Theo começou a acariciar com delicadeza os meus cabelos. – O que ele faz da vida?

– Para ser sincera outra vez, nenhuma de nós sabe muito bem. Seja lá o que for, com certeza teve muito sucesso. O iate dele, o *Titã*, é um Benetti – falei, tentando traduzir a riqueza de Pa em uma língua que Theo pudesse entender.

– Nossa! Assim o meu fica parecendo um bote de criança. Bom... com esses dois palácios, na terra e no mar, imagino que você seja uma princesa secreta – provocou Theo.

– A gente com certeza teve uma vida boa, sim, mas Pa fez questão de que todas nós ganhássemos nosso próprio dinheiro. Depois de adultas, ninguém nunca recebeu nenhum tostão de mão beijada, a não ser para pagar os estudos.

- Um homem sensato. Vocês são próximos?
- Ah, muito. Ele é... é tudo para mim e para todas nós. Tenho certeza de que cada uma gosta de pensar que tem um relacionamento especial com ele, mas como nós dois temos em comum o amor pela vela, passei muito tempo sozinha com ele quando era pequena. E não foi só vela que ele me ensinou – arrematei. – Ele é a pessoa mais bondosa e mais sábia que já conheci.
- Quer dizer que você é uma verdadeira queridinha do papai. Pelo visto eu tenho um exemplo e tanto a superar – observou Theo, descendo a mão dos meus cabelos para acariciar meu pescoço.
- Chega de falar de mim, quero saber de você – falei, distraída pelo seu toque.
- Depois, Ally, depois... você precisa saber o efeito que esse seu lindo sotaque francês tem em mim. Eu poderia passar a noite inteira ouvindo você falar. – Ele se levantou, apoiando-se no cotovelo, e se inclinou para me dar um beijo na boca. Depois disso não dissemos mais nada.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)